

A CRISE DE 68 E O FIM DOS JÚLIO-CLÁUDIOS

Daniel Valle Ribeiro
Prof. Titular do Dept^o de História

É importante que se utilizem com absoluta cautela os dados que, a respeito de Nero, nos oferecem os historiadores do século II. Redobrada atenção merece a narrativa de sua queda, e isso porque Tácito e Suetônio, ambos ligados à administração imperial, tinham interesse próximo na questão. A historiografia moderna mostrou que o primeiro, político importante, e o segundo, alto funcionário, procuraram dirigir e impressionar a opinião de seus contemporâneos. Ligado à aristocracia senatorial, Tácito revela inabalável aversão a Nero, que se acentua ao longo do tempo. Essa hostilidade irreprimível e transbordante aparece nas *Histórias* e também nos *Anais*, cuja segunda parte oculta sistematicamente tudo o que se opõe à idéia que o escritor firmou ou ao conceito que formulou a respeito do príncipe. Ronald Syme¹ explica a razão de semelhante conduta: conservador, Tácito parece alarmado com o programa de Adriano e teme encontrar vestígios de neronismo em algumas medidas do novo soberano. Sua inquietação parece confirmar-se ao ver executados quatro senadores da oposição, considerados inimigos do regime. Sabemos que historiadores haviam defendido Nero, mas todas essas obras foram destruídas (Picard).

Os textos de que dispomos pouco esclarecem a respeito da situação política no momento em que Nero regressou da Grécia. Faltam-nos, igualmente, informações para uma visão e compreensão dos últimos oito meses do principado neroniano. No requisiório de Tácito, acontecimentos são deliberadamente postos de lado, mesmo os mais importantes, que poderiam ser interpretados a favor do príncipe que ele detesta. Notoriamente parcial, Tácito consagra à homenagem de Tiridates apenas algumas linhas, ao passo que descreve com por-

1. Sobre Tácito, é fundamental a obra de SYME, R. *Tacitus*. Oxford University Press, 1958. 2 v. Para SYME, Tácito é monarquista porque sua clarividência o faz desesperar da natureza humana. (SYME, R. *La révolution romaine*. Paris, Gallimard, 1967. p. 490).

menores angustiantes os processos, condenações e execuções dos inimigos de Nero. Ora, no caso da Conjura de Pisão, a repressão foi conduzida, ao lado de Tigelino, pelo pretor Nerva, cujo zelo mereceu homenagem especial: uma estátua no Palatino; mais tarde elevado ao trono, este senador deveria, de acordo com o próprio Tácito, reconciliar o Principado com a liberdade. Páginas de comovente dramaticidade dedica o historiador ao processo movido contra Traséia e Baréa Sorano, para salientar o contraste entre estes moralistas e o príncipe viciado. A execução de ambos é o maior crime do tirano repugnante. Não se trata apenas de vítimas políticas de um regime pervertido, mas do suplício da **própria virtude** por um soberano que é a perfeita encarnação do mal. Na verdade, Traséia e seus partidários abraçavam um republicanismo, mas, ao pretenderem restaurar o regime senatorial – que se havia desonrado com a exploração das províncias –, não se mostravam menos utópicos que o “reino da beleza” perseguido pelo imperador?² Por outro lado, nada parece indicar que Traséia tivesse um programa político. A idéia de uma monarquia fundada na virtude não lhe oferecia nada que pudesse contentar. Esse vazio o impeliu, possivelmente, para os céticos, que praticavam um individualismo anárquico e consideravam a família, a cidade e a vida pública igualmente uma ilusão artificial. Note-se que essa volta sobre si mesmo, essa procura de auto-suficiência, era ainda mais contrária à moral tradicional de Roma, essencialmente social, que o humanismo neroniano.³ O “republicanismo” estóico e cético manifestar-se-ia ainda sob Domiciano, quando os filósofos são banidos da Itália.

A noção de Principado justificada na virtude do seu detentor, típica do século II, leva Trajano a apresentar seu regime como a república restaurada. As concessões que faz são, porém, de pura forma, já que em nada diminuem a onipotência do poder imperial. No passado, também Augusto, *mutatis mutandis*, havia insistido nesse tema, apresentando-se como o restaurador da república. A mesma ficção teórica e legal reaparecia, e com habilidade primorosa alguns passaram a justificar a doutrina estóica de monarquia justa, da qual exatamente se afastara Traséia. O sucesso da pregação deveu-se à evolução social que facilitou a ação dos imperadores: provincialização da aristocracia imperial, identificada com os interesses do regime, em substituição à **nobilitas** de tradição republicana. Por sua vez, escritores como Tácito, Plínio e Plutarco empenharam-se em manter o equívoco. Por esse motivo, exaltaram o papel da oposição e debitaram aos imperadores do século I todas as culpas.

Não obstante, desde 68 elementos mais moderados que o grupo de Traséia haviam entrevisto uma solução intermediária entre a república inatingível e o principado neroniano. Entre eles podemos distinguir três tendências: a dos senadores agrupados em torno de Galba; a dos chefes militares; e a dos provinciais, que desemboca na proclamação de Vindex.

Sérvio Sulpício Galba descendia de família sobrevivente da antiga **nobilitas** republicana. Apesar de sua idade (73 anos), era talvez o único capaz de ter êxito nessa campanha: gozava de boa reputação e de prestígio como administrador e soldado, e era respeitado por sua seriedade. Desde 60 Nero lhe entregara o governo da **Hispania Tarraconensis** porque confiava em que sua experiência poderia conter a agitação contra o fiscalismo. E também por acreditar que afastava de Roma um possível chefe de oposição. Para esse descendente dos **Sulpicij**, a solução da crise política estava no restabelecimento dos princípios de Augusto. Pelo que podemos deduzir das fontes escritas e da numismática, as idéias políti-

2. PICARD, G. C. *Auguste et Néron, le secret de l'Empire*. Paris, Hachette, 1962. p. 238.

3. *Idem, ibidem*. p. 239.

cas de Galba aproximavam-se das de Cícero, mas na prática seu modelo era Tibério.⁴ Na sua proclamação contra Nero, ele apresenta-se como "Legado do Senado e do Povo de Roma" (*legatus senatus populi que Romani*).

Os chefes militares, em sua maioria, mantiveram-se fiéis ao imperador. A condenação de Corbulon não motivou a sublevação do exército da Ásia Menor nem de outras fronteiras. Os exércitos da Bretanha e do Danúbio deixaram de atender os apelos de revolta partidos da Gália, e as legiões da Germânia abafaram os gritos de Vindex. Da mesma forma, permaneceram leais as três legiões da Síria. Não era, portanto, destituída de razão a confiança de Nero na disciplina militar e na devoção pessoal, de natureza religiosa, que ligava os soldados ao seu *imperator*.

O período de Nero marcou a queda dos grandes senhores romanos e a perseguição que moveu contra os nobres fez com que muitos emigrassem. Por isso não contou o imperador com a lealdade de certas províncias. A Grécia e o Egito estiveram sempre prontos a apoiá-lo as medidas ousadas, ao passo que a Ásia (parte ocidental da Anatólia) não dissimulou sua simpatia pelos opositores do regime. Aí se teceram intrigas em torno de Rubélio Plauto, exilado e presumido aspirante ao trono. A essas intrigas, acobertadas pelo procônsul Baréa Sorano, associaram-se importantes famílias locais. Estabeleceu-se, desse modo, estreita solidariedade entre a perseguida nobreza romana e a aristocracia provincial de que resultou a classe cosmopolita que governaria o império no século II.⁵

Até 66, seguramente, nenhum comandante de exército ou governador de província havia suscitado qualquer suspeita de lealdade ao imperador. Apenas dois chefes militares, incumbidos do governo da Germânia, receberam por essa época a pena máxima por envolvimento em conspiração. Além de eliminar numerosas pessoas da aristocracia, Nero tratou de afastar dos comandos homens dela originários. Daí haver encarregado Vespasiano da Guerra Judaica e colocado à frente das tropas da Germânia Fonteio Capito e Virgínio Rufo, todos de origem modesta.

O grito de revolta partiria, extraordinariamente, de um governador de província que não detinha comando militar. Nero encontrava-se mais uma vez em Nápoles quando Júlio Vindex, legado da Gália *Lugdunensis*, contra ele se levantou. Despachos informavam que Vindex havia chamado às armas as tribos gaulesas e que as tropas vizinhas iriam juntar-se a ele.⁶ O líder rebelde logo procurou o apoio de Galba, a quem ofereceu o título de imperador. Ao movimento associaram-se as tropas da Lusitânia, que estavam sob as ordens de Marco Sálvio Oton, e as do legado da África, L. Cláudio Macer.

Em sua proclamação contra o tirano demônio e debochado, reproduzida por Dion Cassius, Vindex afirma que se revoltava porque Nero havia arruinado o mundo romano, executado os melhores do Senado, assassinado sua mãe, e não salvaguardara nem mesmo a aparência de soberania. Outros príncipes, como ele, dizia Vindex, tinham cometido crimes, confiscos e ultrajes; mas de que modo qualificar a conduta de Nero? Prosseguia: "Eu vi a ligação desse homem com Sopor e Pitágoras; eu o vi, creiam-me, no centro de uma orquestra, tocar cítara e

4. *Id., ib.* p. 241-2. Segundo TÁCITO, Galba "*omnium consensu capax imperii nisi imperasset*" (*Hist.*, I, 49). Para SALMON, a idade avançada de Galba, assim como seus hábitos de vida e as tradições da velha aristocracia romana a que pertencia, fizeram com que lhe fosse quase impossível ser mais flexível e diligente. SALMON, E. T. *A History of the Roman World*. London, Methuen & Co. Ltd., 1963. p. 199.

5. PIGANIOL, A. *Histoire de Rome*. Paris, PUF, 1946. (Col. Clio). p. 260 e 271. Cf. também PICARD. *Op. cit.* p. 244.

6. SUET. *Nero*, XL. CASS. DIO. *Hist. Rom.*, LXIII.

vestir os trajes de músico e cantor. Frequentemente eu o ouvi cantar, declamar e recitar versos de tragédia. Eu o vi coberto de grilhões e arrastado na lama. Eu o vi como mulher grávida, dar à luz, representar sucessivamente todos os papéis legendários, seja por suas próprias palavras e gestos, seja por palavras e gestos que permitia se lhe dirigissem. Quem poderá então chamar tal personagem de César, Imperador ou Augusto? Estes são títulos sagrados que ninguém, a nenhum preço, deve manchar. Tinham sido usados por Augusto e por Cláudio, mas esse indivíduo seria mais digno de ser chamado Tieste ou Édipo, ou Alcmeon, ou Orestes, porque estes são os caracteres que ele personifica em cena e são os títulos de que se tem revestido, mais do que os outros.”⁷

A acusação essencial contra Nero era, como se vê, a de que cantava e representava no palco os papéis da ópera; era um cantor e um comediante depravado, por isso indigno de ostentar o manto imperial. Nenhuma referência à crueldade de que mais tarde seria acusado; quase nenhuma alusão específica à monstruosidade desse “inimigo do gênero humano”. O que na realidade Vindex quer é substituir um príncipe indecoroso por outro que seja íntegro.

Seguro de sua boa fortuna e já habituado às conspirações contra sua vida, Nero não deu maior importância à sublevação de Vindex. Praticamente inerte, não tomou qualquer providência para reprimir a revolta durante oito dias. Exasperou-se, entretanto, quando soube que Vindex o havia qualificado de “miserável tocador de cítara”. Nada o atormentava mais do que o descrédito de sua arte.⁸ Em carta ao Senado, determinou que se tomassem todas as medidas necessárias para esmagar a rebelião, mas não se dispôs a ir pessoalmente a Roma.

Os dois legados da Germânia permaneceram fiéis ao imperador, do mesmo modo que os habitantes de Lyon, gratos por terem sido socorridos por Nero na ocasião do desastroso incêndio. Virgínio Rufo recusou mesmo a oferta de Vindex, que lhe acenara com a possibilidade de tornar-se imperador, e, juntamente com Ponteio Capito, marchou contra as tropas rebeldes da Gália, que foram destroçadas. Desesperado, Vindex suicidou-se. Rufo, que nutria sentimento republicano, diante da irresolução de Nero, colocou-se à disposição do Senado.⁹ De mais a mais, o movimento rebelde alastrava-se. Já se pretendeu ver na revolta de Vindex a expressão do nacionalismo gaulês, fenômeno estranho em face das características do mundo romano e até porque a hostilidade a Nero não foi capaz de apagar as rivalidades locais. A intervenção da Gália, da Espanha e da África refletiu precisamente a integração destas províncias ao espírito da latinidade e à idealização do Principado. Foi também a reação do Ocidente à política neroniana de orientalização (real ou aparente) da instituição imperial e ao favorecimento do progresso econômico das províncias orientais.

Possivelmente por desacreditar da política conservadora do Ocidente, que julgava estéril e sem futuro, Nero se lançou em busca do Oriente, na tentativa de estabelecer uma fusão entre as duas partes, certo de que este era o caminho da renovação. Mas, a partir de certo momento, depreciou o papel de algumas

7. CASS. DIO. *Hist. Rom.*, LXIII.

8. SUET. *Nero*, XL-XLI. CASS. DIO. *Hist. Rom.*, LXIII.

9. SALMON. *Op. cit.* p. 189. PIGANIOL (*Op. cit.* p. 254) diz que, após vencer Vindex, V. Rufo teve uma atitude suspeita. Cf. também ALBERTINI, E. *L'Empire Romain*. Paris, Félix Alcan, 1938, p. 97 e WARMINGTON, B. H. *Nero. Reality and Legend*. London, Chatto & Windus, 1969, p. 160-1.

províncias ocidentais, cujo valor crescera no panorama geral do Império não apenas economicamente, senão também em face de sua proximidade das populações germânicas não dominadas; sobretudo a Gália, que tivera de ser tutelada, valorizada e protegida para que o problema da segurança do Reno não viesse a colocar em perigo uma província essencial ao próprio equilíbrio do império.¹⁰

A crise de 68 é, pois, a crise do príncipe e do Principado, do império e das instituições imperiais. A reação das províncias ocidentais não visava propriamente à restauração das instituições republicanas nem pretendia estabelecer nova estrutura jurídica do império. O que se aspirava ardentemente era favorecer a possibilidade de evolução da realidade política e social, com base no pressuposto ideológico de *optimus princeps*, ou seja, a entrega do poder a homens como seriam Vespasiano e Tito, Trajano e Adriano. Esboça-se a noção que marcaria o Principado no século II, fundamentada em ideologia diferente: o poder do príncipe não mais repousa em uma sorte de "direito divino irracional", mas se justifica pela virtude do seu detentor. Este é um dado que não pode ser esquecido, quando se recorda que contra os maus príncipes se havia recorrido à crítica, à conjura ou à revolta. E nisso residia, basicamente, o maior vício do sistema: o risco dos "pronunciamentos", em que o exército se arvorava em legítimo árbitro (quase sempre venal) da instituição, derrubando ou fazendo imperadores.

Deve-se observar também que a luta política da primeira fase do Principado – até a guerra civil que se instala em 68 – se resume, essencialmente, na impossibilidade de conciliar a concepção monárquica do tipo oriental e a concepção romana de poder pessoal. Na primeira, sustenta Attilio Levi,¹¹ as massas encontravam a realização de suas exigências, e uma monarquia romana desse tipo teria de abolir tudo o que restasse de privilégios da antiga classe dominante, que continuava a usufruir de todas as vantagens possíveis. Com efeito, é bom lembrar que o Principado trazia, em suas origens militar e revolucionária, uma hostilidade frontal à nobreza.¹² Por isso, as forças conservadoras sempre estiveram à frente do Senado para impedir um sistema totalmente centralizado, militar e popular, que destituisse por completo seu poder e seus privilégios. Desde o advento do Principado houve luta constante entre os participantes da nova situação: enquanto o elemento militar dominante procurava despojar a antiga classe dirigente, esta, para defender-se das exigências dos soldados e dos desafortunados, tratava de colaborar com o príncipe.

Cada imperador adotou uma orientação pessoal na administração do Estado. Alguns se mostraram até excessivamente fracos no momento de sustentar os interesses que haviam gerado o Principado, persuadidos de que sua missão consistia na firme defesa da tradição romana contra qualquer prevalência oriental; outros foram hostilizados pela aristocracia senatorial, depositária dos antigos valores, quando sustentavam o interesse das massas. Viam-se estes incapacitados até de exercer sua autoridade, caso se afastassem das tropas. Apenas tolerados, contra eles levantavam-se temores e organizaram-se conspirações.

No caso particular de Nero, imperador malvisto pelo Senado, não surpreende que sua personalidade e seus interesses se prestassem ao anedotário sintomaticamente *faccioso* de que se valeram Suetônio, Dion Cassius e mesmo Tácito. A contínua alternância de oposições e contrastes estava na raiz e no fundamento do Principado. Por desprezar o papel deste como agente de equilíbrio das diversas tendências e correntes das populações do império, Nero comprometeu

10. ATTILIO LEVI, M. *La Lucha Política en el Mundo Antiguo*. Madrid, Revista de Occidente, 1967. p. 270.

11. *Idem, Ibidem*. p. 272.

12. R. SYME. *La révolution romaine*. p. 478.

o Estado e o seu próprio poder. Além do mais, não era fácil a um príncipe sobreviver quando dele se afastava a classe dominante. Nero desfrutava de indiscutível prestígio junto às massas, mas na realidade isso expressava pouco em termos de poder, pois, dadas as peculiaridades do sistema político romano, o elemento popular era mais significativo quando hostil do que quando favorável. Se dependesse das classes mais baixas, seguramente Nero não teria caído. Com efeito, a partir de Vespásiano os imperadores procuraram manter boa inteligência com as classes superiores, em toda a extensão do império, sem que isso significasse um governo exclusivamente voltado para os interesses delas.

A notícia de que Galba aderira ao movimento despertou Nero de sua inércia. Decidiu voltar a Roma. Suetônio mostra-nos que, em plena insurreição das províncias, o imperador (interessado em música e mecânica) se ocupou durante um dia inteiro em desmontar um órgão hidráulico aperfeiçoado. Segundo o mesmo autor, o estado de espírito do príncipe oscilava entre o otimismo irrefletido e o pânico desordenado. Assim, em momento de desespero, pensou em represálias inomináveis, como executar os comandantes dos exércitos rebeldes, decapitar todos os exilados e todos os gauleses da Cidade; pilhar a Gália, envenenar os senadores, incendiar Roma novamente e soltar as feras sobre o povo.¹³ O Nero de Suetônio é, logo se vê, um monumento de insensatez. Posta de lado a informação tendenciosa, o que de fato houve foi a declaração de vacância do consulado antes do tempo previsto; a outra decisão, igualmente compreensível, tornou Nero côsul único. Cabe salientar que a providência extraordinária encontrava apoio na tradição.

O imperador aumentou as tropas da **Urbs** e, como confiava particularmente na marinha, engrossou-lhe o efetivo. Tendo as tribos urbanas deixado de atender ao alistamento voluntário, ordenou que se armassem os escravos. Também aqui agia conforme a tradição. Determinou ainda a cobrança antecipada de contribuição sobre as propriedades imóveis e a entrega de peças de prata e ouro por quem as possuísse, espécie de empréstimo compulsório a que recorreram, sem exceção, todos os generais das guerras civis, de Mário e Sila a Antônio e Otávio, passando por César e Pompeu.

Embora satisfeito com a derrota dos rebeldes na Gália, faltou a Nero energia suficiente para colocar-se à frente das legiões da Ilíria, que se distinguiram pela lealdade ao imperador. Nero não soube valer-se das divisões de seus oponentes após a morte de Vindex, da fidelidade de seus procuradores nas províncias e da simpatia que conservava junto ao povo de Roma. Incapaz de dominar suas emoções, perdeu o controle da situação. Da sua **Domus Aurea**, onde se instalara após regressar, expediu ordem sobre ordem. Em dado momento pensou em ir à Gália, desarmado, a fim de mostrar-se aos rebeldes, lágrimas nos olhos, e reconquistar-lhes a lealdade; e entoaria, em meio à alegria geral, cantos de vitória. Tal procedimento evidencia a incapacidade de encarar a realidade concreta, como se estivesse convencido de possuir algum poder mágico capaz de alterar a situação adversa. Dir-se-ia até que tal inconsciência tocava ao patológico.¹⁴

13. SUET. *Nero*, XLIII.

14. "A conduta de Nero nos últimos tempos de seu reinado se nos apresenta tão escandalosa, tão indigna e sobretudo tão absurda, que parece impossível não concluir pela loucura: loucura preparada, aliás, há muito tempo pela hereditariedade, taras físicas, formação e influência do meio social". PICARD. *Auguste et Néron*, p. 234. FRANZERO também acredita que, por essa época, Nero estivesse mentalmente perturbado (FRANZERO, C. M. *Vida e Época de Nero*. São Paulo, Nacional, 1958. p. 245-7).

Nas províncias, a situação ainda não se definira. Sabia-se da defecção do legado da África, da atitude agora dúbia de Virgínio Rufo e do apoio frontal de Oton aos rebeldes. Em Roma a Guarda Pretoriana mantinha-se na expectativa, embora aparentemente fiel a Nero. Não era por certo do interesse dos pretorianos o movimento partido de tropas tão distantes. Tigelino não teve qualquer papel nos acontecimentos de 68. Ninfídio Sabino, o outro prefeito do pretório, aparece como o mais ambicioso. Ousado, procurou ganhar o favor dos soldados, subornando suas tropas, e colocou-se ao lado do Senado. Mas cometeu uma imprudência fatal: nem tentou depor o imperador nem marchou em sua defesa; deixou a iniciativa às províncias, fenômeno que ocorria pela primeira vez no império.

Em junho, cartas anunciavam que a rebelião se alastrava e que as províncias ocidentais tinham proclamado Galba imperador. Como registra Tácito,¹⁵ aqui reside a grande revelação da crise de 68: a de que os imperadores podiam ser feitos fora de Roma. Ora, durante as guerras civis que puseram fim à república, os exércitos e os governos provinciais serviram de base aos generais que, sucessivamente, alcançaram o poder. O povo romano, contudo, sempre se recusou a aceitar que o seu destino pudesse ser conduzido por descendentes de provinciais que ele havia dominado. Nero também. Ele foi capaz de dizimar a aristocracia, mas só tardiamente se decidiu a agir contra os generais rebelados, por acreditar que podia neutralizar seus adversários ou desembaraçar-se deles enviando-os para governar as províncias. Parece evidente que a revolta de algumas províncias contra Nero resultou não da tirania de que o teriam acusado, mas da excessiva confiança que ele depositava nos homens, fruto da ingenuidade, que era um traço dominante do seu caráter e que o diferenciava profundamente do tirano clássico. Esqueceu-se por isso de tomar contra os revoltosos as precauções mais elementares.¹⁶

Entre os conspiradores mais ativos, com efeito, encontram-se alguns próximos do soberano, recrutados na "sociedade" que ele havia criado para auxiliá-lo na realização de seu programa revolucionário. Suetônio, que nos traçou o perfil de Marco Sálvio Oton, o mais expressivo participante do movimento que derrubou o último Júlio-Claúdio, permite-nos elucidar pontos obscuros do enigma neroniano.

Ainda jovem, Oton identificou-se com o príncipe na rebeldia contra a educação severa que ambos receberam. Por sua mão, Nero iniciou-se nas tropelias noturnas que tanto infernizavam os bêbedos e os retardatários nas ruas desertas de Roma. Quando Nero se fez imperador, Oton tomou-se seu confidente e o depositário de seus projetos mais secretos, seu aliado contra os preceptores e contra Agripina.

Sem entrar nos pormenores do *affair* amoroso que envolveu Nero, Popéia e Oton, e tem versões diferentes em Suetônio e Tácito, o certo é que esse homem de vida dissoluta se revelou administrador zeloso e atento da Lusitânia, para onde fora mandando pelo soberano. É relativamente fácil encontrar as razões que impeliram Oton à rebelião. Mais difícil é, entretanto, compreender ou explicar sua aceitação no movimento pelos conservadores, já que entre eles havia pouca identidade de princípios e por vários motivos Oton lhes devia inspirar pouca confiança. Todavia, as grandes famílias da Itália ou das províncias, embora ainda dispusessem de razoável poder, graças às suas fortunas e à enorme clientela, não exerciam nenhuma influência no exército e na administração pública. Daí necessitarem da participação, ou pelo menos da neutralidade, de Oton

15. TÁC. *Hist.*, I, 4.

16. PICARD. *Op. cit.* p. 247.

e de outros neronianos, como Calvia Crispinila, que serviu como elemento de ligação com Macer, e de Ninfídio Sabino, cujo objetivo pessoal era a conquista do poder, mesmo sem ser senador.

A análise da textura do movimento de 68 mostra que perdia significado. Não era a política de Nero a própria *raison d'être* da contra-revolução, mas a pessoa do imperador. Isso se pode ver nitidamente na importância do papel desempenhado por Ninfídio no êxito da revolta. A derrota e dispersão das tropas de Vindex deixaram à mostra a fraqueza do grupo conservador: a situação de Galba tornou-se quase insustentável e os exércitos rebeldes ficaram praticamente à mercê de Nero. Ninfídio soube então aproveitar-se da ingenuidade e do nervosismo do príncipe, impossibilitando-o de reunir numerosos partidários entre simples soldados da guarda imperial, da 1ª legião Adjutrix e das coortes auxiliares sediadas na capital, e mesmo entre o povo. Contou para isso com o apoio de oficiais do pretório e de funcionários da casa imperial e com a indiferença de Tigelino. Dispondo do controle dos correios, Ninfídio procurou anular qualquer iniciativa do César, através da difusão de notícias falsas de que havia uma defeção geral dos exércitos.¹⁷ Por fim o golpe de maior audácia: comunicou aos pretorianos que Nero havia fugido e, sob promessa de grandes somas, induziu-os a proclamar Galba imperador. Ninfídio tentava obter, assim, um resultado duplamente satisfatório: afastar os pretorianos de Nero sem os ligar efetivamente a Galba, pois este, sabidamente avarento, por certo não ratificaria o compromisso. Ainda assim, porém, tudo estaria perdido se o imperador compreendesse a traição de que era vítima. Tornava-se necessário persuadi-lo a deixar Roma e também impedir que se refugiasse na esquadra, que esta poderia levá-lo a um exército leal. Praticamente abandonado, acabou conduzido por Faon e Epafrodito para um subúrbio afastado de Roma, onde não lhe poderia chegar nenhuma ajuda. Ai soube que o Senado o tinha condenado. Moralmente constrangido, Nero enterrou um punhal na garganta.

A morte de Nero resultou de trama diabolicamente arquitetada, que os conservadores, através de uma campanha de opinião, tentaram legitimar. Malgrado o esforço, manifestações de simpatia demonstraram por muito tempo que o príncipe permanecia na memória popular, na medida em que sua tumba era ornada de flores e sua imagem exposta freqüentemente, e seus editos circulavam como se ainda estivesse vivo. Note-se ainda que Vologeses, rei dos partos, enviou embaixadores ao Senado para renovar sua aliança e pediu com insistência que se honrasse a memória de Nero. A idade de Galba, por seu turno, motivava comentários irônicos e era objeto de desgosto para todos, acostumados com a brilhante juventude do imperador morto.

Com Nero desaparecia um herdeiro direto de Augusto e extinguia-se uma família reinante. Assim, as circunstâncias conduziram ao poder imperial um homem sem nenhuma ligação de parentesco com o fundador do Principado. Os males do sistema mais uma vez despontavam. Toda sucessão era uma crise, mas esta se revestia de maior perigo. Nero o pressentira. Sabia ele da inconsistência de seus dois sucessores imediatos. Se não acreditava em Galba, cria menos em Oton. De Vitélio, famoso pela glotonaria, ter-se-ia horrorizado. Na verdade, a vitória de Galba deveu-se mais à sua insignificância do que propriamente ao seu talento. Segundo Tácito,¹⁸ seu espírito era medíocre, mais isento

17. *Id., lb.* p. 252.

18. *TÁC. Hist.*, I, 49 (*Ipsi medium Ingenium, magis extra ultia quam cum uirtutibus*).

de vícios que dotado de virtudes. Conservador moderado, Galba podia ser aceito tanto pelos reacionários como pelos partidários de uma transformação social. O que todos aguardavam era que, velho e sem filhos, o novo príncipe governasse apenas por curto período, após o que cada facção esperava retomar o poder.¹⁹

Conhecemos bem o estado de opinião dominante em Roma após a queda de Nero e a composição das correntes políticas em confronto. De um lado situavam-se os conservadores, que contavam com o apoio da maioria do Senado, dos membros mais representativos da ordem equestre e da "parte sã do povo ligada às grandes famílias, dos clientes e dos libertos, dos condenados e dos exilados"²⁰ (da época de Nero). A estes opunha-se "a plebe sórdida, freqüentadora do circo e dos teatros, e com ela a escória dos escravos ou aqueles que, tendo perdido sua fortuna, se alimentavam da infâmia de Nero"²¹. Observe-se que o historiador latino distingue claramente entre os que integram a ordem gentilícia e os que preparam uma subversão social. Estes são agrupados no que Picard chama de "sociedade neroniana", ou seja, a associação de homens de todas as classes em torno da idéia de criar uma nova ordem.

Podemos, igualmente, avaliar com segurança o espírito das tropas. As de Roma – pretorianos, legião 1^a Adjutrix e destacamentos que participaram da guerra do Cáucaso –, indignadas por terem sido enganadas, tornaram-se ferozmente neronianas, sentimento que aproximou soldados e plebeus, em solidariedade perigosa. As legiões do Reno permaneceram rigorosamente fiéis a Nero, enquanto as da Ilíria se puseram à disposição do equívoco Virgínio Rufus. Os generais do Oriente (Muciano e Vespasiano entre eles) mantiveram-se na expectativa, mas acabaram por prestar juramento a Galba.

A fragilidade da base em que repousava o poder de Galba prenunciava graves agitações. Já em janeiro de 69 o exército da Germânia se rebelou em nome do povo e repudiou a fidelidade prestada ao novo príncipe. Pressionado, Galba decide-se pela designação de um sucessor. A escolha de Piso Licinianus, descendente da mais pura linhagem aristocrática republicana, demonstrava a inequivoca inclinação de Galba pelos conservadores. A indicação valia também para indicar expressamente que o império se tornava "o bem comum da alta nobreza" (Picard). Essa solução ultra-aristocrática irritou a corrente popular e fez explodir a crise que se esboçava após a morte de Nero.

RETORNO E DERROCADA DO NERONISMO

A derrota de Galba refletiu, antes de tudo, os equívocos da contra-revolução. Os conservadores se tinham valido dos neronianos para depor Nero, mas agora esbarravam em dificuldade significativa: a grande maioria da população opunha-se a um regime reacionário. "Jamais sans doute", afirma Picard, "Rome n'avait été si près d'une révolution sociale: le proletariat – "la plebe sordide" de Tacite – et les soldats exaspérés contre leurs cadres étaient décidés à supprimer radicalement les hautes classes."⁽²²⁾

Um incidente ocorrido pouco depois da queda de Galba ilustra bem o estado de espírito no momento. Oton havia determinado que se equipasse uma das coortes urbanas, destinada a reforçar a colônia de Óstia, em Roma. O tribuno encarregado da operação entendeu que seria mais tranquilo executar sua ta-

19. PICARD. *Auguste et Néron*. p. 253-4.

20. TÁC. *Hist.*, I, 4.

21. *Idem*, *ibidem*.

22. PICARD. *Op. cit.* p. 257.

refa à noite, quando mandou abrir o depósito de armas. Os soldados da guarda, porém, suspeitavam de seus oficiais; correu o rumor de que eles armavam escravos dos senadores para derrubar Oton. Os pretorianos amotinaram-se e massacraram o tribuno e os centuriões que pretenderam opor-se à revolta; dirigiram-se em seguida ao palácio, reclamando a presença do imperador e gritando ameaças de morte contra todo o Senado. Na ocasião, o príncipe recebia para jantar as figuras mais representativas da Assembléia e suas mulheres. Os senadores julgaram-se vítimas de uma armadilha e viveram momentos de profundo mal-estar. Com habilidade e prudência, Oton conteve os sediciosos e evitou um massacre. Cada pretoriano recebeu significativa compensação financeira, mas os dois responsáveis pela sedição sofreram a pena de morte.

O governo que se instalara em junho de 68 serviu, portanto, para acirrar o sentimento popular contra os aristocratas, a ponto de não se observar qualquer atitude dos senadores em defesa de Galba ou de oposição a Oton. Para Tácito, a subida deste ao poder decorreu de um golpe militar sem maior expressão, mas aos olhos da massa representava o retorno ao programa interrompido pela contra-revolução. Daí ter sido aclamado pelo nome de Nero, que ele não recusou e possivelmente usou em determinados atos oficiais.

Oton escolheu ministros oriundos da ordem eqüestre, medida que deve ser vista como anti-senatorial. Promoveu a seguir a reabilitação de Nero, cujas estátuas foram expostas em público, e reintegrou em seus cargos os funcionários expurgados por Galba. Cuidou também para que fosse ab-rogada a condenação que pesava sobre Popéia. Herdeiro do homem a quem havia ajudado a destruir, e com o objetivo de manobrar o Senado, não pediu à Assembléia patrícia que anulasse idêntica decisão que caía sobre Nero. Sua medida mais importante, porém, foi a reativação das obras da **Domus Aurea**, para o que abriu o crédito de cinquenta milhões de sestércios. Representação mágica da Terra, a **Domus Aurea** era o "instrumento do reinado" para a realização do ambicioso programa de Nero. O gesto de Oton, cujo bom senso era reconhecido pelos próprios adversários, atesta o caráter eminentemente político do grandioso projeto: o palácio, mais que o símbolo da revolução, expressava o primeiro ato efetivo da grande transformação do universo.²³ O prosseguimento das obras, longe de afrontar a miséria do proletariado, afirmava a disposição do imperador de realizar a ideologia de seu predecessor e amigo.

Pouco sabemos dos planos de governo de Oton, ou melhor, que caminho pretendia seguir. Pode-se afirmar com razoável segurança, porém, que procurou conter a violência cega de elementos exaltados de sua facção: não só protegeu o Senado quando do motim dos pretorianos, como também castigou severamente os chefes do levante. Por outro lado, preocupou-se com a reconstituição da "Academia neroniana" (*aula Neronis*) e com o restabelecimento da unidade interna do grupo, cuja cisão em parte favoreceu a crise de 68. Para isso, afastou os que, por traição manifesta, ficaram incompatibilizados com a associação. Tácito²⁴ informa que Tigelino, o antigo prefeito do pretório e indiretamente responsável pela morte de Nero, acabou condenado por insistência do povo. Oton concordou, contrafeito, para satisfazer à opinião pública. O que na verdade ocorreu foi uma nova manifestação de neronianos radicais, por certo descontentes com a conduta moderada do imperador.

Problema complexo e difícil fica por esclarecer: essa ala radical contribuiu para o sucesso de Vitélio, e este não teria de algum modo participado da queda de Nero?

23. *Id., ib.* p. 258. Sobre as medidas de Oton favoráveis ao neronismo, cf. *TÁC. Hist.*, I, 78 e *SUET. Otho*, VII.

24. *TÁC. Hist.*, I, 72.

Desde janeiro de 69 as legiões da Germânia haviam proclamado Vitélio imperador. Os soldados do Reno, ardentemente neronianos, nutriam profundo ódio aos antigos partidários de Vindex e desejavam nova guerra civil. Não era mais o nome de aliados, mas o de inimigos, que eles davam aos gauleses. Podiam contar com a Gália renana, que havia abraçado a mesma causa e se mostrava presa de grande exaltação contra os adeptos de Galba. Estavam, assim, animados de uma cólera viva contra os éduos, séquanos, helvécios e outros, que habitavam os territórios galbianos mais em evidência. A cidade de Lyon, particularmente fértil em rumores, permanecia fiel a Nero.²⁵

O neronismo, por seu turno, tomava feições distintas: enquanto em Roma se inclinava para a revolução social, na Gália transformava-se em espécie de nacionalismo belgo-renano.²⁶ Ainda segundo Tácito, as cidades galbianas eram as mais ricas e, ao que se supõe, a riqueza estava concentrada nas mãos da velha nobreza céltica romanizada. No século II essa classe foi parcialmente sobrepujada por uma camada comercial e manufatureira que se enraizara no nordeste. Disso resultou grave rivalidade econômica e permanente conflito que se estendeu até a Idade Média.

A 15 de janeiro (69) Oton recebeu do Senado o título e os poderes imperiais. Mas o exército da Germânia, que se julgava ludibriado desde a morte de Nero, não se dispunha a aceitar a escolha dos pretorianos. O fato de o adversário ser agora Oton, e não mais Galba, em nada mudava a disposição assumida. O choque de ambições não basta para explicar a luta entre Oton e Vitélio, embora nenhum deles desistisse de sua pretensão. Todavia, a posição de Oton, por sua moderação e participação na revolta que derrubou Nero, nada tinha de cômoda. Vencido em Bedriac, preferiu a morte a uma resistência desesperada. O suicídio de Oton não refletiu apenas um "pacifismo sentimental", que Nero havia conhecido e que procedia de sua ideologia estética; significou sobretudo a recusa de uma posição que ele não teria podido consolidar senão através de concessões cada vez maiores aos adversários de seu próprio ideal.

Elevado ao poder supremo, Vitélio procurou dissipar qualquer dúvida acerca do modelo político que pretendia seguir no governo: reuniu no Campo de Marte todos os sacerdotes e ofereceu um sacrifício aos manes de Nero; em um banquete solene, convidou publicamente um citarista de seu agrado a cantar uma das obras do "mestre", e tão logo o artista começou a entoar um dos cantos de Nero, foi o primeiro a testemunhar, pelo aplauso, sua alegria.²⁷

O novo príncipe cuidou logo de reativar a "Sociedade neroniana", de que tinha sido um dos membros mais arrebatados. Suetônio não o poupa por haver atribuído papel político a atores e condutores de carros do Circo. Tácito, por sua vez, não deixa sem registro sua caminhada com destino à **Urbs**:

"Quanto mais ele se aproximava de Roma, tanto mais sua marcha se corrompia pela mistura de atores e eunucos com tudo o que caracterizava a Sociedade neroniana (**aula Neronis**); e Vitélio não cessava de proclamar sua admiração por Nero, a quem outrora havia acompanhado como cantor, sem que a isso tivesse sido obrigado como o foram as pessoas de bem, mas subjugado e subornado pela luxúria e glotonaria".²⁸

25. TÁC. *Hist.*, I, 51.

26. PICARD. *Op. cit.* p. 260.

27. SUET. *Vitellius*,

28. TÁC. *Hist.*, II, 71.

Vitêlio mostrou-se hostil aos libertos e, como Oton, escolheu seus ministros entre os cavaleiros. Fez algumas concessões ao Senado, ao permitir que se criticassem suas posições. Recusou o título de César e só mais tarde aceitou o de Augusto. Não pôde, entretanto, manter a unidade do partido neroniano, cujas dissidências se tornaram irremediáveis com a guerra civil. A ala extremista, com o apoio de tropas da Germânia, pretendeu realizar uma "revolução agrária". Na Itália, camponeses difarçados de soldados arrastaram os germanos à devastação de domínios produtivos e ao massacre de proprietários (Histoires, II, 56). Mas os legionários, em sua maioria recrutados na pequena burguesia italiana, reprimiram a desordem: em Aoste forças regulares ficaram ao lado dos burgueses contra as auxiliares (*auxilia*) e em Ticino duas coortes gaulesas foram exterminadas. Pode-se dizer, em sentido amplo, que a partir de 68 o exército romano, diferentemente do final da república, se tinha regionalizado. O equilíbrio precário em que repousava o poder de Vitêlio tornava insustentável a posição do imperador: as tropas italianas, que tinham sido fiéis a Nero, reprovavam-no pela derrubada de Oton; a marinha, que fora um dos suportes deste, operou com sucesso um desembarque na Gália Narbonense, na retaguarda de tropas vitelianas. Certamente temeroso de ver-se ultrapassado pelo seu partido, Vitêlio enviou os batavos para combater os rebeldes. Mas os batavos acabaram por se deixar arrastar por Civilis numa insurreição contra os romanos.²⁹

A crise de 69, escreveu Piganiol,³⁰ tinha revelado um novo perigo: o conflito entre o Senado e as massas, cuja vontade era interpretada, de maneira contraditória, pela plebe de Roma, pelos pretorianos e pelas legiões. De sua parte, o neronismo chegava ao fim, dilacerado pela discórdia interna e pelo anarquismo. Além de atingida pela concorrência das províncias, a economia italiana via-se devastada pelas guerras civis. Assim, a turbulência cedia lugar à reconciliação, conduzida por alguém capaz de deter os excessos que se seguiram à morte de Galba – atentados à disciplina militar e à ordem social – e que acabaram por esgotar os quadros do neronismo. O "segredo de Estado" agora revelado era a estreita ligação que se estabelecia entre o poder imperial e a oficialidade, de um lado, e o corpo de funcionários, do outro: de simples instrumentos da pessoa do soberano, estes se tornaram a origem e o fundamento da autoridade do príncipe. Esta passa a ter, assim, caráter mais institucional e menos místico. Não obstante a propaganda religiosa reivindicasse para a autoridade do monarca origem divina, a natureza do poder de Vespasiano, sustenta Picard,³¹ é fundamentalmente humana. Pela primeira vez uma lei confere poderes ao imperador – a *lex de imperio Vespasiani*. Alguns historiadores e especialistas de direito público, entretanto, não concordam em que haja diferença entre esse procedimento e o que legitimou a autoridade dos Júlio-Claúdios. Se Vespasiano recorreu aos prodígios em torno de sua ascensão para atestar que ela provinha da vontade dos deuses, foi porque, de uma parte, não devia a investidura à nobreza de seu sangue e, de outra, não pretendia aparecer simplesmente como chefe do exército.

Dentro dessa linha de reflexão, podemos considerar as relações entre o soberano e seus súditos em um plano meramente humano e político. Nada o expressa melhor do que a residência do príncipe, que, sem precedente algum, assume a condição de um edifício público, com grandes salas de audiência e de justiça. Por sua vez, a arte decorativa do período Flávio rompe com os valores que haviam dominado a estética neroniana e marca um retorno ao classicismo.

No plano social, verifica-se um esforço para depurar a aristocracia republicana pela eliminação da lista de senadores e da ordem equestre de indivíduos

29. PICARD. *Op. cit.* p. 262-3.

30. PIGANOL. *Op. cit.* p. 274.

31. PICARD. *Op. cit.* p. 266.

considerados indignos; inversamente, numerosas famílias tiveram acesso ao patriciado, tudo, obviamente, com o objetivo de fazer a nobreza cooperar na obra da dinastia. Vespasiano, levado ao trono pelos soldados, não tardou em transferir o poder aos provinciais. O império deixa de ser coisa de uma grande família romana elevada acima de outras **gentes** da aristocracia,³² mas é confiado a um neto do centurião, oriundo de obscura família sabina.

Não deixa de ser interessante observar que a classe média permaneceu fiel a padrões que a aristocracia presumia ultrapassados. A revolta que caracterizou a ala "progressista" da **nobilitas** tinha-se estendido a uma parte das classes inferiores – libertos e **plebs sordida**, em que se confundiam homens livres degradados e escravos, e que no reinado de Nero se constituiu em temível potencial revolucionário. Mas o grupo mercantil, cuja ascensão na direção dos negócios se processara nos últimos trinta anos do século, retomou o firme controle sobre o trabalhador. A evolução econômica, de sua parte, contribuiu para mitigar os desnveis de riqueza e, em decorrência, aplacar os ódios sociais. Recorde-se também que a elevação das províncias, em detrimento da Itália, atingiu os libertos, cujas riquezas repousavam na concentração econômica, e que o comércio de artigos de luxo, que favorecia as especulações mais lucrativas, declinou em proveito de transações menos vantajosas. Desse modo, o desequilíbrio social, que havia comprometido a estabilização política realizada por Augusto, atenuou-se sensivelmente no último quartel do século I e no início do século II.

À vista disso, não obstante a crença popular na volta do imperador desaparecido em 68,³³ parece iniludível que as novas circunstâncias da vida romana tornaram impossível um novo Nero. Não havia mais condições favoráveis à doutrina que a fantasia do quinto imperador tinha concebido. Embora interessado na cultura grega, Adriano jamais pensou em estabelecer uma sociedade governada pelos mesmos ideais estéticos.

Na verdade, Nero não projetou um mundo menos injusto ou mais razoável, mas uma irreabilidade. O mais extraordinário é que, ao idealizar uma utopia, despertou o interesse de significativa parcela da sociedade. Doutra parte, nem mesmo a hostilidade dos pensadores estóicos ou a forte reação dos imperadores Flávios apagou a lembrança de Nero. A lenda antineroniana ainda não se havia consolidado, apenas começava a esboçar-se.